

Funai concorda em trabalhar com missionários no Parque do Xingu

Brasília (Sucursal) — O presidente da Funai, General Bandeira de Melo, enviou ofício ao Conselho Indigenista Missionário concordando com o plano apresentado pelos padres católicos da prelazia do Xingu para auxiliar na assistência aos índios da região dos postos Koatinemo e do rio Bocajá.

O plano de trabalho comum entre missionários e funcionários do Governo será o primeiro de um projeto mais amplo pelo qual a Funai modifica sua política e passa a atuar ao lado dos religiosos na Amazônia. Até agora, a Fundação divide sua tarefa com os missionários, evitando penetrar nas áreas onde atuam os padres.

COMPREENSÃO

A nova política da Funai tem dois objetivos principais: fiscalizar a atividade missionária, evitando distorções em relação ao processo de aculturação do índio, sobretudo a catequese forçada; e atenuar os conflitos e denúncias feitas pelos missionários.

Para aplicar este plano conjunto, a Funai convocou um encontro nacional de religiosos protestantes e católicos para o início de novembro. O bispo Dom Eurico Krautler, da prelazia do Xingu, elaborou um programa que inclui o estudo aprofundado da língua, cultura, religião e estrutura social dos grupos indígenas do rio Bacajá e Koatinemo.

Em outro ofício ao Conselho Missionário, o General Bandeira de Melo comunica que "as dúvidas surgidas na aldeia Tapirapé" (funcionários da Funai invadiram a aldeia, comportando-se indignamente) foram resolvidas "de maneira satisfatória."

O ofício não esclarece as providências adotadas, mas assinala que resultará delas "maior compreensão entre a

Funai e as Irmãzinhas de Jesus", que trabalham na aldeia.

O episódio nunca foi inteiramente esclarecido, nem pela Funai, nem pelos missionários. Sabe-se apenas que as religiosas ficaram indignadas com o comportamento dos funcionários e transmitiram suas queixas aos Padres José Vicente César e Egidio Schwade, do Conselho.

DIVERGÊNCIA

A autorização para o trabalho conjunto entre a Funai e os missionários deverá causar discussões e divergências entre indigenistas; ao que se sabe, o sertanista Orlando Vilas Boas, diretor da reserva, atribuiu parte do êxito da atuação indigenista à medida que opõe o ingresso de religiosos na área.

Os irmãos Vilas Boas têm posição firmada sobre o assunto e se o Parque do Xingu é hoje uma espécie de vitrina da política indigenista brasileira é porque, segundo eles, há uma fiscalização severa. A própria prelazia do Xingu, por exemplo, tem sua sede fora do parque e embora tivesse tentado anteriormente penetrar na região dos índios, não conseguia a autorização que agora obteve.

CONVÊNIO

A direção da Funai anunciou para amanhã a chegada ao Rio de um diretor da Cruz Vermelha Internacional, Sr. Palm Quist, que acertará com o General Bandeira de Melo a assinatura de um convênio de assistência e atuação junto aos índios da Amazônia.

O convênio prevê o emprego de cerca de Cr\$ 31 milhões, por parte da organização e será o segundo que a Funai assina com uma entidade internacional: atualmente está em vigor um convênio com o Summer Institute of Linguistics.

Dirigente manda apurar denúncia

O General Ismarth de Araújo, diretor executivo da Funai, mandou apurar imediatamente as denúncias de técnicos indigenistas, publicadas pelo JORNAL DO BRASIL, sobre a situação de promiscuidade em que se encontram os índios na aldeia cinta-larga de Serra Morena.

O dirigente enviou ofício ao Chefe do Departamento-Geral de Operações, Coronel Olavo Duarte, para apurar os fatos e, se necessário, abrir inquérito. E ainda ontem foi enviado radiograma à delegacia do órgão em Porto Velho, pedindo informações urgentes sobre a situação de Serra Morena.

REGIÃO DIFÍCIL

O sertanista Apoena Melreles revelou que já advertira anteriormente a Funai de que a área do Aripuanã, em Rondônia, onde estão os cintas-largas, "é região vasta que exige uma pessoa corajosa e enérgica para impor medidas severas de fiscalização."

Apoena é um dos poucos sertanistas do órgão que conhecem a região, porque atuou com seu pai, Francisco Melreles, no trabalho de pacificação dos cintas-largas. Depois que deixaram essa frente, o serviço ficou semiparalisado e, segundo Apoena, na aldeia de Serra Morena, as índias se entregam à prostituição com a convicção dos próprios funcionários da Funai que ali permaneceram. Segundo os sertanistas que visitaram recentemente a região, as índias se prejudicaram com o contato com os brancos e sua indolência teve reflexo nos índios também.